

JAMES AGEE E WALKER EVANS

Elogiemos os homens ilustres

Tradução

Caetano Waldrigues Galindo

Posfácio

Matinas Suzuki Jr.

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1939, 1940 by James Agee/ © 1941 by James Agee e Walker Evans/ Renovado © 1969 Mia Fritsch Agee e Walker Evans/ © 1960 by Walker Evans/ Renovado © 1988 by John T. Hill, inventariante do espólio de Walker Evans/ © 1989 by The James Agee Trust/ Fotografias reproduzidas com permissão da Biblioteca do Congresso e da coleção de fotografia do Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin. Copyright de parte das fotografias © Walker Evans Archive, The Metropolitan Museum of Art

Trechos do livro foram publicados em *Common Sense*, *New Directions* e *The Atlantic Monthly*

Título original

Let us now praise famous men

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Imagens

© Walker Evans Archive, cortesia da Biblioteca do Congresso, Washington (capa)/ Coleção de fotografia do Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin (lombada)/ James Rufus Agee (1909-55), Long Island Beach, foto de Walker Evans, Harvard Art Museum, Fogg Art Museum, National Endowment for the Arts Grant (P1972.107), Imaging Department © President and Fellows of Harvard College (quarta capa)/ Walker Evans, autorretrato (1994.256.580), © Walker Evans Archive, The Metropolitan Museum of Art (quarta capa)

Preparação

Denise Pessoa

Revisão

Márcia Moura

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agee, James

Elogiemos os homens ilustres / James Agee e Walker Evans ; tradução Caetano Waldrigues Galindo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Let us now praise famous men.

ISBN 978-85-359-1564-8

1. Alabama – Condições rurais 2. Fazendas de algodão – Alabama – História – Século 20 3. Agee, James, 1909-1955 – Viagens – Alabama 4. Alabama – Descrição e viagens 5. Fazendas arrendadas – Alabama – História – Século 20 I. Evans, Walker. II. Título.

09-10351

CDD-976.1062

Índice para catálogo sistemático:

I. Alabama : Condições rurais : Século 20 :
História 976.1062

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Fim da manhã de domingo

Eles entraram no Coffee Shoppe* quando terminávamos o café da manhã, e Harmon apresentou o outro, cujo nome me escapa, mas soava francês. Era de estatura média e escuro, começando a ficar encanecido, com um corpo do tipo que é cheio de nós, de noqueira, e o rosto entalhado a fundo, não inamistoso, de um macaco. Usava calças escuras, uma camisa branca sem colarinho recém-lavada e engomada, e um chapéu amarelo de palha mole, com uma faixa de tecido floral. Seus sapatos eram velhos, recém-engraxados, sem terem sido lustrados; seus suspensórios eram quase novos, azuis, com linhas douradas nas bordas. Era cortês, informal e até amigável, sem mostrar demais o elemento do desgaste: Harmon deixava que ele falasse e nos observava por detrás das lentes reflexivas do óculos. A gente da rua ralentava o passo ao passar e detinha os olhos sobre nós. Walker disse que tudo bem tirar fotos, não é?, e ele disse, É, está certo, bata tudo as chapa que você quiser; quer dizer, se você conseguir fazer os preto não correr quando virem a câmera. Quando eles viram a quantidade de equipamento guardado no porta-malas de nosso car-

* Um *coffee shop* seria um café. A grafia antiquada é mais ou menos uma convenção que, no entanto, mesmo nos anos 1930, não podia deixar de denotar certo ambiente suburbano, atrasado, em que tal convenção ainda pareceria original, divertida. (N. T.)

ro, mostraram sentir que estavam se aproveitando deles, mas nada disseram a respeito.

Harmon foi no carro com Walker, eu com o outro, subindo uma larga rua de barro frouxo até o nordeste da cidade no reluzentíssimo calor do sol do fim da manhã de domingo. O homem com quem eu fui não deixava morrer a conversa, em parte graças a uma nervosa polidez, em parte como que para evitar quaisquer perguntas que lhe pudesse fazer. Isso estava mais que bom para mim; quase todos os seus colonos eram negros e não me serviam, e eu precisava de uma folga do trabalho de fazer perguntas e decidi meramente me estabelecer como alguém mais tranquilo, informal e amigável do que ele era. Acabou ficando claro que eu não me enganara a respeito do som francês de seu nome; ancestrais seus haviam escapado de uma insurreição de negros no Haiti. Ele próprio, contudo, era totalmente local, um proprietário de terras bem de vida e enxerido com um pouco mais que a média da aparência do fazendeiro propriamente dito. Dirigia um sedan com-muitos-anos-de-vida, muito semelhante ao tipo de carro que um operário de fábrica nas cidades do norte dirigiria, e apontava para mim o quanto era fraco o algodão nas terras deste homem, que achava que podia passar com uma marca ruim de adubo, e como estava bom neste canto e naquele morro alto, que de alguma maneira pegava toda e qualquer chuva que atravessasse essa parte do país, embora isso não fosse vantagem para o algodão em um ano chuvoso e nem mesmo em um médio; era bom em um ano de seca feito este, por outro lado; o algodão que lhe pertencia, tirando uma faixa mais no fundo, ele ainda não sabia dizer mas ia ou ficar muito bom ou muito ruim; mas aqui a gente está no meio dele.

Menos de meio quilômetro atrás em um campo plano de algodão jorrava um capão de carvalho e sob sua sombra se erguia uma casa. Mais além, ao nos aproximarmos, a terra se afundava calmamente na direção de bosques que nela lançavam gavinhas, e aqui e ali a salmilhavam casebres de dois cômodos quase idênticos, talvez uma dúzia, alguns na sombra parcial de arbustos de cinamomos, outros nus ao sol, todos com a cor sob a luz e a aparência frágil de ninhos de vespas. Esta casa mais próxima, de quatro cômodos, de que nos aproximávamos, era a do capataz. Estacionamos à sombra do carvalho enquanto as portas da casa foram ficando apinhadas. Eram negros. Walker e Harmon encostaram atrás de nós. Um grande anel de ferro pendia de uma corrente de um ramo baixo de um carvalho. Uma pesada faixa de ferro se

apoiava na base da árvore. Negros surgiram às portas das duas casas de colonos mais próximas. Vindos da terceira casa a contar daqui, dois deles se aproximavam. Um usava um macacão limpo; o outro, calças pretas, camisa branca e um colete preto desabotoado.

Aqui na casa do capataz causáramos uma interrupção que me enchia de lástima: parentes estavam aqui, de longe, gente sóbria de meia-idade com roupas de domingo, e três ou quatro crianças, visitas, e percebi que estavam tranquilamente se divertindo, os homens fora, do outro lado da casa, as mulheres começando a jantar, como agora, com nossa chegada, não mais podiam. O capataz foi muito cortês, os outros homens eram evasivos, os olhos das mulheres, calma e abertamente hostis; o senhorio e o capataz conversavam. Os convidados masculinos do capataz pairavam calma e respeitosamente em silêncio nas franjas da conversa até terem certeza do que podiam efetivamente fazer, então se retiravam para o outro lado da casa, observando com cuidado para captar o olhar do senhorio, caso olhasse para eles, de modo que pudessem acenar, sorrir e tocar a testa, como de fato faziam, antes de desaparecer. Os dois homens da terceira casa surgiram; logo vieram três mais, um homem de quarenta e um par de meninos-rapazes de crânios estreitos. Todos se aproximaram suave e estranhamente até estarem sob a sombra do capão e então mantiveram suas posições como que flutuando, olhos vagando sobre nós de canto e para o chão e na distância, falando entre si muito pouco, com vozes abrandadas: era como se estivessem sujeitos a alguma espécie de obrigação magnética de se aproximar até exatamente este ponto e ficar à vista. O senhorio começou a lhes perguntar através do capataz, Como é que vai Fulano-de-tal, tudo em ordem? Ele deu aquela varrida a mais que eu te pedi? — e o capataz respondia, Sim, senhor, sim, senhor, ele fez o que o senhor disse pra fazê, ele tá ino direitinho; e Fulano-de-tal se remexia em seu lugar e sorria embaraçado enquanto, embaraçado, um de seus companheiros ria e os outros mantinham o rosto na segurança oca da surdez. E você, anda fazendo muito potrinho, seu velho tarado? — e o negro enrugado, velho, de bigode quase cinza que surgiu deitou a cabeça de lado com cara de maroto e mostrou o que restava de seus dentes, e piou, rindo tímido, Ah seu Fulano, o sôr sabe queu sô tranquilo, home casado, sabe não — e o negro bruto de quarenta rachou o rosto em um sorriso vilão e disse, Ele é *vêi* demais, seu Fulano, ele não dá mais no coro; e todos riram, e o senhorio disse, Esses dois aí são teus potro

não são? — e o velho disse que eram e o senhorio disse, Deve ter achado *esses aí* no mato, uns negão viçoso desse; e o velho disse, Não, senhor, ele teve os dois no santo casamento, seu Fulano, e o senhorio disse que o mais véi já parece que tá no ponto, e os negros riram e os dois meninos retorceram seus lindos crânios carecas como cabaças em um unísono de timidez e seus rostos se iluminaram com sorrisos virginais de vergonha, deleite e medo; e enquanto isso o senhorio tinha soltado os dois botões de cima de suas calças e agora meteu nelas a mão até o meio do antebraço e, agachando-se com os joelhos separados, agarrou, coçou e arrumou os genitais.

Mas agora havia três outros em torno que tinham sido chamados por uma criança correndo; eram homens jovens, apenas vinte a trinta anos, mas muito velhos e sedados; e a pele deles era do mais fuliginosos dos pretos, que luz nenhuma faz brilhar e com a qual vêm dentes azuis e globo ocular dourado. Usavam calças passadas a ferro, sapatos lavados, camisas brancas reluzentemente engomadas, gravatas brilhantes, e carregavam chapéus de palha brancos recém-alvejados nas mãos, e em seus corações estavam espetadas as fitas roxas e douradas de uma sociedade religiosa e funerária. Haviam sido chamados para cantar para Walker e para mim, para nos mostrar como é a música dos pretos (conquanto tivéssemos feito tudo que sentíamos ser capazes de fazer para poupar a eles e a nós dessa convocação), e restavam pacientes em um rijo friso à sombra do carvalho, chapéus e camisas emitindo luz, e esperavam ser percebidos e liberados, pois estavam a caminho da igreja quando a criança os interceptou: e agora que foram vistos e que foi dada a ordem eles deram alguns passos adiante, sem sorrir, e pararam em linha rija, e, depois de uma restrita troca de olhares entre si, o mais velho batendo a terra limpa com o sapato, cantaram. Foi como eu esperava, não no estilo delicado e eufônico do Fisk Quartette,* mas no estilo que eu ouvira nos discos dos Mitchell's Christian Singers,** tortuoso, torturado, pedregoso, acentuado como que a

* Grupo vocal formado em 1870 por estudantes negros da Universidade Fisk a fim de levantar verbas para a instituição, o Fisk Jubilee Singers, por mais de um século, foi grande referência para a divulgação da música negra, especialmente dos *spirituals* religiosos, nos Estados Unidos. São especialmente famosos pela canção “Swing low, sweet chariot”. (N. T.)

** Quarteto vocal formado em 1930, reconhecido pelo estilo lamentoso e sincopado. (N. T.)

martelos e cinzéis, pleno de uma vitalidade quase paralisante e de iteração rítmica, com harmonias que constantemente cindem os nervos; de modo que na música ocidental a maior semelhança com sua austeridade está nos primeiros dois séculos da polifonia. Mas aqui era integralmente instintivo; a música se arrancava como que em uma dança de plantas aceleradas dos corpos de três rapazes que estavam enterrados até a garganta na terra, e cujos olhos nem se fechavam nem olhavam para coisa alguma; o jovem tenor que uivava, o barítono, estrídulo nos extremos de seu registro, garganta cerrada como um punho, e o baixo, girando as engrenagens férreas de seu maquinário, mão fechando e relaxando na medida em que se enrijecia e se soltava contra a tensão de suas elipses: e abruptamente se calaram; totalmente pétreos; enquanto o senhorio sorria frio. Nada havia a dizer. Olhei-os nos olhos com pleno e aberto respeito e disse, Muito bom. Vocês têm tempo para cantar outra para nós? Suas cabeças e seus olhares se reuniram em um centro comum, e se restauraram, e eles nos cantaram mais uma, dessa vez uma lenta; tive a sensação, por seu silêncio ao abordá-la, de que era sua favorita e seu orgulho particular; o tenor alçou sozinho a voz em uma longa linha plangente que pendia como ferro dos céus, ou o eco de um apito, afundando, funda, ao longo de descidas modais que eu jamais ouvira antes, e se findou junto dos braços e do peito do baixo como poderia fazer um corpo afundado de uma cruz; e o barítono alçou uma longa linha negra de comentário; e correram em um movimento longo e lento e em uma convolução de rolagens como se no fundo de um mar tempestuoso, voz encontrando voz como barcos em um sonho, retiravam-se, novamente se encontravam, consideravelmente entretecidas, digressões e retornos do tempo, algo desprovidas de melodia, o baixo, vezes sem fim, aproximando-se, deixando-se cair, do mesmo declive, o barítono assumindo, como que um metacentro, murmurando por pedais entre maior e menor, e sem qualquer tom determinável, o tenor lançando-se ao alto como um corno, um cabo, o voo de um pássaro, quase em plena declamação, e então, com seu fracasso, silenciando; por fim crescendo, os outros alçando-se, agora, sozinhos, sós, e em grande medida, interrogando, sós e insustentados, em meio ao espaço, pararam; e agora retomavam, afundados sobre o fundo do baixo, cabeças inclinadas; ambos em surdina, emudecidos; o barítono faz seu comentário, irresolvido, que é uma pergunta, tudo numa única nota: e se calam, e não olham para nós, nem para nada.

O senhorio objetou que era muito grito e muita religião de enfiada e que tal alguma coisa com alguma vida, eles sabiam o que ele queria dizer, e aí eles podiam ir embora.

Eles sabiam o que ele queria dizer, mas lhes era muito difícil dá-lo agora. Enregelaram-se em seus corpos e hesitaram, vários segundos, e olharam uns para os outros com olhos atordoados de preocupação; e então o baixo acenou com a cabeça, com o abrupto de um golpe, e com rostos vácuos atacaram uma melodia veloz, assanhada, pélvica, cuja letra se entupia quase além dos limites da tradução de cômicas metáforas sexuais; uma canção com refrão, que corria como uma roda veloz, com dísticos improvisados, que adiantavam a narrativa; eles a cantaram por quatro das provavelmente três dúzias de estrofes que conheciam e então cravaram-lhe dentes duros, duramente, e pela primeira vez relaxaram e saíram do alinhamento, como se soubessem que, com esta, haviam ganhado o direito de partir.

Enquanto isso e durante todo o canto me enojava saber que eles sentiam estar aqui ao nosso dispor, meu e de Walker, e que eu nada podia comunicar de diverso; e agora, em uma perversão de autotortura, eu representei até o fim meu papel. Dei ao líder cinquenta centavos, tentando ao mesmo tempo, com os olhos, comunicar muito mais coisas, e disse que lamentava que os tivéssemos detido e que esperava que não se atrasassem; e ele me agradeceu com uma voz morta, sem me olhar nos olhos, e foram embora, pondo os chapéus brancos na cabeça enquanto caminhavam para a luz do sol.